

DISCURSO, MÍDIA E DIÁLOGO DE VOZES: A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NORDESTINA EM REPORTAGEM DA REVISTA *VEJA*

Jocenilton Cesário da Costa
(Mestrando – Bolsista CAPES)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Dr. Iveraldo Oliveira dos Santos
(Orientador)

Considerações iniciais

Seguindo as pegadas que se encontram marcadas no solo da sociedade e demarcados pela História, o homem, sob a patente de sujeito linguageiro, passa a manter contato com o outro e, a partir de então, manter certo grau de interação. Nesse desígnio, esse mesmo sujeito é levado a alcançar um pódio capaz de falar, num alto-falante ideológico, aquilo que refletem e refratam atitudes responsivas dotadas de cargas valorativas. É desse pódio em que se vê a projeção do discurso, que passa a ser inserido em um contexto permeado pela interação de sujeitos com outros sujeitos e pela propagação de vozes que recuperam outras vozes já lançadas na sociedade em outras épocas historicamente marcadas.

Com base nesse enfoque, o artigo, ora apresentado, visa a discutir como se constrói a identidade nordestina na revista *Veja*, com base no conceito de postulados como dialogismo, polifonia, ideologia, significação, sujeito, entre outros. Partindo da ideia de que o enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância de vozes pelos sujeitos falantes, buscou-se, nesta pesquisa, adentrar do universo do dizível na tentativa de enxergar como se constitui a identidade do Nordeste e do Nordestino em uma reportagem publicada pela revista *Veja* (edições 1524 – 03/12/1997), extraída em sua versão *on-line* do acervo digital disponível no site <http://veja.abril.com.br>.

Num plano organizacional, este artigo se encontra organizado da seguinte forma: num primeiro momento, faz-se uma abordagem de alguns conceitos dos postulados de Bakhtin, com ênfase ao dialogismo; num segundo, realiza-se a análise do *corpus* que constitui a presente pesquisa, intentando perscrutar como se constrói a identidade nordestina a partir da dialogicidade do discurso e na percepção do coro de vozes, fatores engendrados nos meandros histórico-sociais do sujeito.

Dialogismo e polifonia: interação social e ressonância de vozes

Muitos são os conceitos, as categorias e as abordagens que tomam como norte o pensamento Bakhtiniano. No que tange à manifestação da língua em diferentes instâncias, o discurso, no entanto, se torna o aspecto basilar. São as práticas discursivas que funcionarão como a pilastra capaz de apoiar um número ilimitado de interpretações sobre diversos *corporatidos* como discursos dotados de significação. Daí a justificativa de se trazer, para este trabalho, os conceitos bakhtinianos que emanam a compreensão dos diversos gêneros discursivos, a saber que, neste estudo, o foco é atribuído a reportagens diluídas na mídia, mais especificamente na revista de grande adeptos de leitores, a *Veja*.

Antes, porém, de saborearmos a visão atribuída ao discurso aqui analisado neste estudo, preparada no caldeirão de preceitos que fervilham um diferenciado nível de abordagem, faz-se necessário explicitar que não se seguirá uma receita que oriente uma síntese teórica de tudo ou quase tudo que pensou o filósofo russo. Por isso, se esclarece que o presente estudo não intenta mostrar, de um lado, uma sutura teórica e, de outro, uma análise de uma dado objeto discursivizado. A proposta aqui é fazer, primeiramente, uma contextualização teórica sobre duas categorias bases do pensamento bakhtiniano, de modo que outras vertentes teórico-categoriais só aparecerão na análise propriamente dita de nosso objeto de estudo.

Dentro desse introito, algumas categorias como ideologia, significação, sujeito, dentre outros, só aparecerão, com mais intensidade, na discussão propriamente dita da(s) prática(s) discursiva(s) posta(s) à análise, já que, antes, intentar-se-á situar nosso objeto de estudo no vasto campo da manifestação discursiva, aqui, no caso, a mídia. Como já fora colocado anteriormente, tomaram-se dois princípios base do pensamento bakhtiniano para, então, enveredar por outros caminhos categoriais, a saber: dialogismo e polifonia.

Sabe-se que linguagem só existe pela sua dimensão social. Os discursos que veiculam nas diversas esferas da comunicação humana – seja ela religiosa, política, econômica, educacional, cotidiana, dentre outras – envolve a inserção do sujeito na interação com sociedade, fazendo com que cada discurso seja produto dessa relação de dinamicidade, de reflexão e de refração justamente pelo diálogo com outros discursos que se moldam no campo interacional da língua(gem). Isso faz alusão à própria noção discursiva língua proposta por Bakhtin (2008, p. 217), o qual aduz que discurso é:

A língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins.

Focalizar o dialogismo é procurar entender, num caráter mais embrionário, que o discurso está sempre em diálogo com outro discurso. Disso resulta a noção de interatividade, que não alude à interação face a face entre indivíduos/sujeitos sociais, mas ao diálogo do dito com o já dito no longínquo, em outras épocas e espaços. Nessa proporção, faz-se jus à consideração de que, “o primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados se constituem a partir de outros”. (FIORIN, 2008, p. 30).

Reforçando esse ideário, é lícito entender a concepção de Bezerra (2005) de que, no plano interacional, o homem pode ocupar diferentes posições, sendo que a relação do eu com o outro passa a ser um fator decisivo, já que “o homem no homem não é uma coisa, um objeto silencioso; é outro sujeito, outro ‘eu’ investido de iguais direitos no diálogo interativo com os demais falantes [...]”. (BEZZERRA, 2005, p. 193). A essa vinculação do eu com o outro, atribui-se o enfoque dialógico, por meio do qual uma nova posição transforma o objeto, isto é, um homem passa a ser outro sujeito, dotado de uma incompletude e inconclusibilidade. Por isso que esse diálogo de um discurso com outros, de um enunciado com um enunciado alheio, dá-se porque

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum de comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os; confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supões-nos conhecidos e, de um modo ou de outro contra eles. (BAKHTIN, 1997, p. 316).

Nessas circunstâncias, o discurso reflete e refrata a posição e a condição ideológica do sujeito inserido em uma prática discursiva dada. São esses preceitos que vivificam o que se convém chamar de *dialogismo*, aspecto que toma a comunicação interativa do homem, internalizando a identidade que se constrói na relação do eu com o outro. Com essa visão, é importante entender que o homem não pode confirmar seu próprio eu sem olhar para o outro; é preciso constituir um sujeito interdependente, isônimo e de caráter múltiplo, de acordo com sua posição e a posição do outro. É nesse olhar que se percebe a presença de uma *alteridade*,

isto é, a constituição do sujeito por meio da visão atribuída a ele pelo outro num processo dialógico de interação social.

Dessa forma, o indivíduo propagador do discurso não define os caracteres dos outros indivíduos envolvidos; é a consciência do outro que, à revelia, passa a interagir com objetos e considerações passíveis de acabamento, imbuídas nas relações que ganham vida nos processos de interação social. Os discursos, nesse desígnio, passam a ser marcado pela presença de outro discurso, de outras, vozes, de outras palavras encontradas no já-lá dito.

Entende-se, no bojo conceitual de Bakhtin (1997) comungado com a leitura de Gomes (2008), que o discurso se molda sob diferentes textos, isto é, gêneros discursivos, servindo de base para externar uma representação de realidade e ideologias que repercutem a construção de diferentes identidades e posições ideológicas do indivíduo nos diversos segmentos sociais. Por isso, nessa dualidade entre mídia, discurso e gênero, partir-se-á agora à análise de uma reportagem da revista *Veja*, publicada na edição de número 1544, em 06 de maio 1998.

No longínquo, o discurso e a interação social: vozes que ecoam a identidade nordestina na revista *Veja*

Folhear as páginas da revista *Veja* possibilita o conhecimento de uma realidade dotada representação simbólica de uma exterioridade. Criada em 1968, a *Veja* é uma revista que trata de temas variados de abrangência nacional e global. Aguçando um rápido olhar a esse veículo midiático, percebe-se que, embora o grande o foco da revista seja tratar de temas geralmente discutidos no hoje da sociedade, assuntos como tecnologia, ciência, ecologia, religião e política são abordados, com um toque especial, em várias de suas edições.

Com uma tiragem semanal superior a um milhão de cópias, sendo a maioria de assinaturas, a revista em foco é a de maior circulação nacional. Gregolin (2003), nesse sentido, aponta que a mídia, uma vez tida como acontecimento discursivo que atinge um número elevado de sujeitos compactuantes dos ideários nela veiculados, acaba agenciando sentidos referenciadores de verdades sobre aquilo que se diz, pois há outras vozes responsáveis pelo agenciamento de sentidos que perduram o universo midiático. Por isso que a *Veja*, atingindo essa grande dimensão de leitores, funciona como uma ação institucionalizadora de saberes e fabricante de verdades.

Partir-se-á, nesse paradigma, a entender como se constrói a identidade do Nordeste e no nordestino na reportagem intitulada *O fantasma da fome*, publicada na edição de número

1544, em 06 de maio 1998, disponível em sua versão *on-line* do acervo digital da *Veja* disponível no site <http://veja.abril.com.br>¹.

A começar pelo título, a recorrência ao adjetivo “fantasma” não foi aleatório, pois, como aponta Bakhtin (1997), o nosso dizer recupera sempre outros dizeres e, assim sendo, há nesse discurso intitulado da reportagem uma síntese negativa, inferior e excludente da fome presente nos lares e no trajeto de vida de grande parte dos sertanejos.

A seca como sutura decadente ao progresso faz do desenvolvimento do ciclo vital do indivíduo um verdadeiro problema, como bem se vê, inicialmente, o enunciador trazendo um relato descritivo acerca de Vicente Paulo da Silva, que, no tempo da publicação da reportagem, com 42 anos de idade, ativa sua memória e resgata alguns momentos de sofrimento da infância por causa da seca:

O nome é Vicente. Tem 14 anos e vive com a família em Acari, cidade do Rio Grande do Norte. A grande seca deixou os pais e os irmãos de Vicente com um problema: comer. Vicente é um menino esperto, de olhos vivos. Tem inteligência incomum e visão das coisas surpreendentemente madura para um rapaz da sua idade. Sua experiência de vida, em Acari, é muito diferente da que tiveram os adolescentes que vivem no sul do país. Já saqueou lojas, no meio da multidão. Seu pai estava junto dele nesses ataques. Vicente defende o saque dizendo que a pessoa com fome tem o direito de se apropriar da comida, seja ela de quem for, esteja onde estiver. (VEJA, ed. 1544, p. 27)

Nesse discurso, é mister considerar que, pelos apontamentos de Fiorin (2005), há um diálogo com os fatores sociais para descrever a condição de vida de uma criança exposta ao seio do sertão. Vê-se que o ato de comer para a família de Vicente, através do discurso que envolve o adolescente que serve de ilustração para o retrato caricatural de outros adolescentes nordestinos, é tido como um problema. Entende-se, dessa forma, um contraste na própria maneira que se molda o discurso sobre o Nordeste, uma vez que “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”. (BAKHTIN & VOLOCHÍNOV, 2006, p. 33). Daí as palavras ressignificam até mesmo para representar a uma realidade socioidelógica.

Ainda assim, nessa materialidade discursiva, o adolescente em pauta é tratado como uma esperteza que vai além da sua idade, a saber os fatores sociais que o levam a isso. Há,

¹ Lembra-se que, neste artigo, a proposta é discutir, de forma mais sintética e quase ilustrativa, essa construção identitária do Nordeste, uma vez que os discursos veiculados na materialidade discursiva das reportagens sugerem uma análise bem mais profunda. Neste estudo, no entanto, buscaram-se apenas alguns recortes das duas reportagens selecionadas, as quais, sendo *corpus* da minha pesquisa de Mestrado, requerem um espaço e uma lapidação maior dos discursos analisados.

outrossim, uma voz que faz uma comparação entre Vicente com outro(s) adolescente(s) que vive(m) no Sul do país na tentativa de evocar outros discursos para construir um sentido de contraposição à patente ocupada pelo nordestino de 14 anos.

Como “o signo é um produto ideológico, pois tudo que reflete ou refrata uma realidade é um produto ideológico” (GUIMARÃES, 2005, p. 149), a iniciativa do enunciador trazer essa dimensão analógica entre indivíduos do Nordeste e do Sul do país é no intuito de fazer salutar que, diferentemente do da segunda região, os da primeira vivem expostos a condições mais decadentes ao progresso de vida, muito embora seja atribuída a eles uma vertente de força, coragem e inteligência que parece implacável.

Essa contraposição vem seguida, no entanto, de uma característica que, grosso modo, parece negativista, pois, pelo dizer de Vicente, o nordestino não vê problema em sacanear lojas ou depósitos alimentícios para não morrer pela falta de comida. De um lado, é traçado um perfil de “ladrão” por burlar a lei da compra e, de outro, é desenhada uma imagem de guerreiro e lutador capaz de “manchar” sua dignidade para sobreviver.

A identidade do ser nordestino, nesse recorte, passa a ser construída pelo diálogo com os fatores sociais que elucidam outras vozes para trazer os efeitos de sentido. Ademais, têm-se aí alguns traços identitários que são construídos pela diferença, que, segundo Silva (2008), conseguem trazer uma visão que se dá pela oposição a outra, isto é, um indivíduo se constitui como traço identitário por algum aspecto que serve de contraste a si mesmo. Por isso que, no discurso em destaque, o nordestino é considerado diferente do sulista justamente pelos ditames compactuantes de realidades simbólicas estereotipadas ou não, que fazem do Nordeste lugar de atraso e exclusão. Afina, “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. (SILVA, 2008, p. 14).

No plano discursivo da reportagem e voga, é possível deparar-se com outras ressonâncias de vozes, que, no longínquo, conseguem construir a identidade nordestina e, por ora, reforçar os estereótipos que conservam o Nordeste como “a” região do sofrimento. Na descrição da realidade de vida de outro nordestino, entende-se que, de fato, o bojo discursivo consegue tecer, através dos fios da história e da ideologia, a rede que emaranha uma gritante situação social. Veja-se:

O agricultor Severino José dos Santos, de 59 anos, morador de Tabira, no sertão de Pernambuco, teve sua pequena horta de milho e feijão destruída. A família resolveu comer a palma, um cacto repleto de espinhos que serve normalmente para alimentar o gado. Sua mulher, Maria do Carmo da

Silva, 47 anos, dá a receita. "Raspei os espinhos, passei em seis águas para tirar a baba verde da planta e cozinhei com sal. Depois, dei para a família provar. Todo mundo fez cara feia, mas, pelo menos, ficou de barriga cheia." A palma ingerida parece inchar no estômago. Faz peso. Ajuda. Os cinco filhos do casal agüentam o gosto ruim, mas Severino não consegue engolir. Às vezes, o cardápio é reforçado com uma sopa rala feita com ossos de boi, que Severino ganha dos comerciantes. Outras vezes, a situação fica terrível. "Quando falta comida mesmo, a gente põe os meninos para correr atrás dos calangos. Mas é difícil, tem de ficar o dia inteiro correndo porque esses bichos correm demais", conta a mulher. A família está sem dinheiro. Não consegue pagar nem a conta de luz. Custa 1,34 real. (VEJA, ed. 1544, p. 28)

No discurso em pauta, reporta-se a uma realidade vivenciada por um típico agricultor do sertão nordestino. Para tanto, o enunciador aponta as dificuldades enfrentadas pelo homem de nome Severino para se alimentar. Há, nesse sentido, uma voltagem muito próxima para plantas típicas do sertão nordestino que servem de alimentação para a família em ressalva.

Enxerga-se, dessa forma, o homem do sertão moldado pelos liames do caráter animalizador, uma vez que o ato de comer palma e cacto e se alimentar de restos mortais de animais nada mais é do que exercer o papel zoomórfico, isto é, condição de um animal propriamente dita. A voz da mulher em expressar que, numa situação mais decadente, é necessário procurar calango – nome comum a teídeos muito pequenos – para comer tenta trazer à tona a visão que o sertanejo procura, aos seus modos e de maneiras diversas, a busca pela sobrevivência acima de tudo.

Ainda nesse discurso, deduz-se que há uma identidade nordestina construída pelos estereótipos, através de várias vozes, conforme orienta Bezerra (2005), que se unem para instaurar, no seio social, uma marca identitária estereotipada. Ademais, as condições dialógico-sociais fazem com que esse discurso acabe ficando moldado nas práticas sociais e o seu sentido negativo acaba sendo inapagável e insipiente, pois “tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 21).

Nos fragmentos expostos, para se construir uma identidade sobre o objeto Nordeste, leva-se em conta o diálogo com dizeres representativos dos próprios sertanejos envolvidos no contexto da seca, como se os ecos de suas vozes funcionassem como um discurso que se reporta a uma realidade tão sofrida. Para tanto, o enunciador faz alusão às vozes de nordestinos que ora refutam e refratam uma realidade vivenciada.

Maingueneau (2008) aponta que a recorrência a outras vozes dentro de um dado enunciado discursivo funciona dentro do primado do interdiscurso, como se, no lances dos

dizeres, existisse sempre uma voz outra que, posta no longínquo, constrói uma visão identitária do sujeito. Dessa forma, a voz de cada nordestino é de grande relevância para os efeitos de sentido postulados nesse discurso propagado pelo enunciador no lance midiático da *Veja*, já que a descrição dos relatos de cada um deles reforça uma identidade construída pela busca de verdades e reforços de estereótipos, haja vista que “ele [o nordestino] é aquele que faz sistematicamente falta, a um discurso e lhe permite encerra-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 38).

Fazendo alusão aos fatores externos que, de algum modo, são considerados responsáveis pelo problema da fome no sertão nordestino, o enunciador esclarece que os insumos políticos acabam sendo os elementos mais relevantes para a situação que coloca o nordestino como ser inferior no paradigma da sociedade moderna. Eis o recorte:

Com o fantasma da miséria e da fome rondando o Nordeste e o norte de Minas Gerais, é inacreditável que nenhum dos candidatos à Presidência da República tenha aparecido na região. Fernando Henrique Cardoso, que costuma ser associado pelos adversários a qualquer tipo de catástrofe natural que ocorra no Brasil, não apareceu no semi-árido nem ao menos para dar uma olhada. Luís Inácio Lula da Silva também não deu o ar de sua graça. Logo Lula que nas últimas eleições inventou aquela história da "caravana da cidadania", na qual excursionava pelas bordas do Brasil, sempre acompanhado por hordas de repórteres e fotógrafos interessados em flagrar seu encontro com os excluídos. Leonel Brizola não apareceu. [...]. Depois que a imprensa noticiou a seca, o presidente Fernando Henrique anunciou na semana passada que, finalmente, irá ao Nordeste. Lula disse o mesmo. (VEJA, ed. 1544, p. 28-29)

Tendo em vista que a(s) identidade(s) se constitui(em) em diferentes práticas discursivas, conforme considera Hall (2005), há sempre fatores de ordem social, histórica e política que vão elucidar essa construção identitária. Vê-se, nessa dimensão, que o Nordeste é tido como uma região esquecida e que, em momento algum, desperta interesse pela parte do governo.

Num primeiro plano, tem-se o atual presidente da época, Fernando Henrique Cardoso, que pouco se preocupa com a situação tão deplorável de fome e miséria enfrentada pelo povo do sertão. Num segundo momento, depara-se com Luiz Inácio Lula da Silva, que, não obtendo êxito na campanha eleitoral a qual disputara, não faz jus a uma de suas propostas de governo. Ainda assim, Lula faz do Nordeste um palco para ensaiar uma realidade destacável de sua imagem e, ao mesmo tempo, no momento em que decide aparecer “acompanhado por hordas de repórteres e fotógrafos interessados em flagrar seu encontro com os excluídos”, ele

acaba utilizando a mídia como uma maneira de maquiagem uma autêntica realidade sofrível do homem nordestino.

Esse comportamento de Lula nada mais é, segundo Gregolin (2003), do que espetacularizar uma dada situação. Assim como o nordestino que caminha pelas veredas sertanejas é dotado de humildade, o presidente, seguindo esses mesmos rastros, também o é. Subir ao palco da terra nordestina, para Lula, torna-se, no discurso em voga, uma forma de fazer de seu comportamento um verdadeiro espetáculo, que desperta interesse e destaque mediante aos olhos da sociedade da contemporaneidade aguçados nas malhas do poder.

Ainda assim, no momento em que a mídia começa a denunciar a real situação enfrentada por grande parte dos nordestinos, o atual presidente começa a possuir certa preocupação e, assim, “visitar” o semi-árido, temendo nem tanto o agravamento da situação, mas o declínio de sua imagem enquanto governante. Daí resulta a ideia de que, nos lances discursivos, conforme Bakhtin (1997), há sempre algo que ora reflete, ora refrata a imagem de si em (contra-)posição com o outro.

Na ressonância de vozes que recuperam outros discursos já ditos em outros espaços, épocas e contextos, é de grande valia destacar a alusão feita a um discurso primeiro para construir essa identidade do homem nordestino. Exibe-se:

Quem não faria o mesmo vendo seus filhos chorando de fome? Há séculos, as diversas doutrinas religiosas defendem que é legítimo roubar para comer. Em comum, os preceitos católicos, protestantes e judaicos defendem a vida como o principal dom dado por Deus, mesmo que para mantê-la seja necessário cometer um crime. Na doutrina oficial da Igreja Católica, esse princípio aparece desde o século XIII, quando São Tomás de Aquino escreveu a Suma Teológica, defendendo que a propriedade não podia ser um bem acima dos seres humanos. Se as religiões dizem que não é pecado, as leis dizem que não é crime. (VEJA, ed. 1544, p. 32-33)

Nesse recorte, infere-se que o grande foco do enunciador é fazer referência aos preceitos religiosos em analogia aos da lei. A grande indagação se dá no sentido de entender se o nordestino, à mercê da morte por causa da fome, deve ou não roubar comida. Para isso, há, nesse discurso, uma voz que proclama, pelos ditames de várias religiões, que a vida é um dom de Deus e, por isso, deve ser preservada, independentemente de quaisquer condições favoráveis a esse dom. Na verdade, tem-se aí uma retomada ao texto bíblico que aduz: “Vós me ensinareis o caminho da vida, há abundância de alegria junto de vós e delícias eternas à vossa direita”. (I PEDRO 1,17, p. 1496).

Ainda assim, o enunciador traz o dizer de que o ato de roubar comida transita entre o pecado e o crime, entre os preceitos religiosos e os da lei. O pecado se torna uma forma de o nordestino agir de maneira mais compassada, harmônica e verdadeira, pois há uma crença fortemente arraigada nos valores da Providência Divina. Mais uma vez, perece-se uma alusão ao discurso proferido em um lugar, espaço e tempo, no caso do texto bíblico: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. (ROMANOS, 6: 14, p. 1381)

Pelo explicitado, a identidade nordestina é construída, nesse enunciado, pelo viés religioso, fazendo no homem do sertão um protótipo que parece viver em função daquilo que é posto nas sagradas escrituras. Nesse ínterim, nada pode ser feito se não estiver conforme os postulados dos mandamentos da Igreja e da lei, fazendo salutar o comportamento íntegro e fiel do nordestino.

O que não se pode deixar em primeiro plano, num olhar atento ao discurso em pauta, é justamente o que Maingueneau (2008) coloca: um discurso é sempre tido como um segundo, pois haverá sempre outro que será tido como primeiro, pois já fora conclamado em outro momento, de modo que “o discurso precisamente chamado ‘segundo’, que se constitui através do discurso ‘primeiro’, parece lógico pensar que esse discurso primeiro é o Outro do discurso segundo, mas que o inverso não é possível.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 39). Por isso que as relações interdiscursivas ganham voz e vez na manifestação de diversas práticas discursivas e, assim, agencia possíveis identidades.

Considerações finais

Os estudos que subjazem o campo da linguagem proporciona um entendimento diferenciado daquilo que toma o discurso como objeto de estudo. O pensamento de M. Bakhtin, nesse intento, consegue explicar que, nos moldes discursivos, há uma relação dialógica e uma ressonância de vozes que não podem passar despercebidas na edificação dos efeitos de sentido propagados por um dado enunciado.

Tomando por base essas considerações, o estudo que aqui foi proposto procurou mostrar que o dialogismo e a polifonia ensejam visões outras sobre o Nordeste e sobre o nordestino, tendo em vista os fatores sociais, históricos e religiosos que passam a ser recuperadas pelos ecos dos dizeres exteriores às condições/posições do indivíduo.

No discurso da reportagem *O fantasma da fome*, percebe-se que a identidade nordestina é construída de forma estereotipada, reforçando, pelo retrato de uma realidade, o descaso da região, caracterizada pela seca, fome e miséria. Essa construção identitária só é possível, dessa forma, pelo diálogo com os fatores sociais e pela presença de outras vozes recuperadas no longínquo da rarefação discursiva.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3 ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez: 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____.; VOLOCHÍNOV, V. N. O discurso de outrem. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais de método sociológico na ciência da linguagem. 12 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª edição. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad. Angela S. M. Corrêa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GOMES, G. R. Gêneros discursivos: instrumentos transformadores e constituidores de identidades. In: CASSOLA, A. P. et al. **Janelas bakhtinianas**: refrações, reflexões e rascunhos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

GREGOLIN, M. do R. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. do R. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Paulo: Claraluz, 2003.

GUIMARÃES, I. A. O dialogismo: uma perspectiva marxista da linguagem. In: **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

I PEDRO. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulus, 1993.

JOÃO. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulus, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Primado do interdiscurso. In: _____. **Gêneros dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

ROMANOS. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulus, 1993.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

THOMPSON, J. B. Comunicação e contexto social. In: THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 11 ed. Petrópolis, Vozes, 2009.